

C O
L A B
O R
A D O
R A

**EMPREENDER
& TRANSFORMAR**

**UM PERCURSO
METODOLÓGICO**



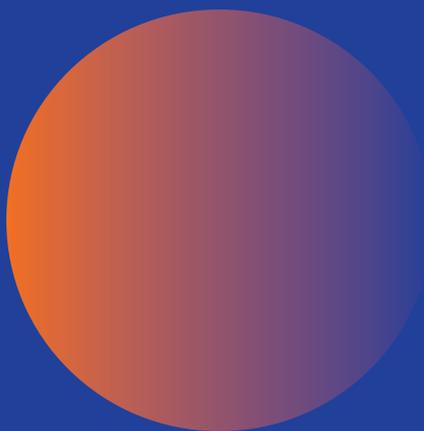
ÍNDICE

INTRODUÇÃO	06
PARTE 1. A COLABORADORA EM SEU CONTEXTO	08
Como chegamos aqui?	10
Mas por que Santos?	12
Conexão Santos-Reino Unido	16
PARTE 2. A COLABORADORA EM AÇÃO	20
Teoria da mudança	22
Metodologia	26
Divulgação e seleção	28
Colabs da edição 2019	33
Imersão	41
Aceleração	42
Habilidades	44
Especialidades	44
Planejamento	45
Mentoria	46
Passeios	50
Banco de Tempo	51
Cuidados	54
Vulnerabilidades	55
PARTE 3. O QUE APRENDEMOS COM A COLABORADORA	56
AGRADECIMENTOS	60
FICHA TÉCNICA	60
EXPEDIENTE	62



INTRODUÇÃO

por **GEORGIA NICOLAU**,
diretora do Instituto Procomum



PARTE 01

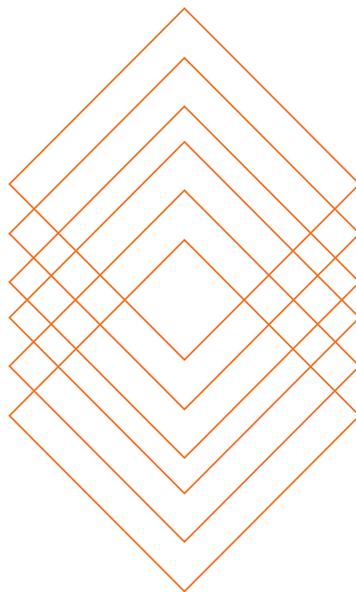
A COLABORADORA EM SEU CONTEXTO

COMO CHEGAMOS AQUI?

A Colaboradora nasceu na trilha da La Colaboradora, um projeto da prefeitura de Saragoça, a capital da província espanhola de Aragão, cuja missão é enfrentar a falta crônica de emprego e renda que assola a população mais jovem. Nos idos de 2013, seus idealizadores queriam criar uma rede solidária de empreendedores, empreendedoras e freelancers da área criativa e dotar esse grupo de um espaço de trabalho coletivo (coworking) com formação aberta e livre. O projeto fez enorme sucesso e foi reconhecido com o prêmio EURO CITIES Award de 2016.

Mas não foi só pelo prêmio que nos atraímos pela La Colaboradora. Esse projeto nos ajudou a refletir sobre como trabalhar, na prática, com a relação entre cultura e desenvolvimento. Nas últimas décadas, o entendimento das características culturais como entrave foi substituído pela compreensão de que elas são uma dimensão fundamental do desenvolvimento local. Ao lado de fatores ambientais e sociais, a cultura não só contribui para gerar emprego e renda como favorece um modelo de desenvolvimento que interage de maneira sustentável com o território e a população.

Aqui no Instituto Procomum, defendemos também uma economia criativa de base comunitária, que valorize o território, as identidades e os saberes locais e que seja fomentada pelo ser político de cada empreendedor e empreendedora.



Com essas reflexões e inquietações em mente, realizamos em 2018 uma primeira edição da Colaboradora inspirada na nossa parceira da Espanha. Ela foi voltada para artistas, produtores e produtoras culturais que atuam pela transformação social de territórios periféricos, com foco nos bairros que estão no entorno da nossa sede na chamada **Bacia do Mercado**, em Santos. Conectamos uma rede colaborativa de artistas, criadores e criadoras com um espaço coletivo de trabalho (o LAB Procomum) e um processo de formação para a **produção cultural e a ação comunitária em defesa do comum**. O projeto culminou no Primeiro Festival de Artes e Comunidades, realizado em parceria com o Sesc e a Unifesp.

**SAIBA MAIS SOBRE A COLABORADORA-
ARTES E COMUNIDADES:**

procomum.org/2019/04/08/revista-colab/

A BACIA DO MERCADO DE SANTOS

A Bacia do Mercado é uma área localizada no entorno do Mercado Municipal de Santos, inaugurado em 1902 e reconstruído em 1947. Ali em frente acontece o embarque e o desembarque das catraias, barcos motorizados de madeira com formato similar ao de uma canoa. Dia e noite, pelo valor de R\$ 1,50 por pessoa, elas percorrem o trajeto entre Santos e Vicente de Carvalho, distrito de 130 mil habitantes que pertence à cidade de Guarujá. No caminho, passam pelo Estuário de Santos, onde atracam os enormes navios que chegam ao Porto de Santos – o maior da América Latina.

A Bacia do Mercado é formada por ruas estreitas, comércios variados e cortiços – hospedagens apertadas, normalmente em construções antigas e deterioradas, habitadas por famílias numerosas e de extrema baixa renda. É uma região de alto índice de criminalidade, tráfico de drogas, exploração sexual infantil e milícias, mas também de muita vida na rua: ali são vendidos produtos dos mais variados lugares, em especial do Nordeste brasileiro, e circulam pessoas de muitas origens e histórias.

Naquele mesmo ano, o **British Council** lançou o DICE (Developing Inclusive and Creative Economies), um programa que apoia o desenvolvimento de economia criativa e negócios sociais no Reino Unido, bem como no Brasil, Egito, Indonésia, Paquistão e África do Sul e que, entre outras ações, possui um fundo de apoio a iniciativas.

O **British Council** é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. Ele promove cooperação entre o Reino Unido e o Brasil nas áreas de língua inglesa, artes, esportes e educação. Saiba mais em britishcouncil.org.br

O DICE deseja fortalecer o empoderamento e a autonomia de grupos vulneráveis, como mulheres e jovens em situação de risco. Isso acontece pelo entrelaçamento de três pilares potentes: economia criativa, empreendedorismo e impacto social. Um dos braços do programa foi o lançamento de um fundo voltado para iniciativas nos países citados acima. Aquilo nos pareceu a oportunidade perfeita para propor uma nova versão da Colaboradora, mais próxima, inclusive, da versão original europeia. E foi com essa ideia que concorremos ao edital aberto pelo fundo.

Como em muitos projetos do British Council, para concorrer aos recursos disponibilizados era preciso que nos associássemos a um parceiro britânico. Tivemos a sorte de encontrar não um, mas três: o Haarlem Artspace, um espaço de arte rural; a Junction Arts, uma organização social que trabalha com arte e comunidades; e a consultoria Advantage Creative. Nossa principal parceira britânica e cocriadora do processo foi Catherine Rogers, a Cathy, uma profissional criativa e consultora de empreendedorismo nas artes. Ela é coautora desta publicação e, mais adiante, contará como nos conhecemos.

Concorremos com inúmeros projetos qualificados de todo o país e ganhamos o edital ao lado de outras iniciativas que merecem menção neste guia: A Banca (São Paulo), Ande (São Paulo), Asplande (Rio de Janeiro), Lá da Favelinha (Belo Horizonte) e Porto Digital (Recife).

Em janeiro de 2019, demos início à aventura chamada **Colaboradora - Empreender e Transformar**. Ela durou até março de 2020 e foi partilhada com 25 **colabs**, apelido pelo qual chamamos os empreendedores e empreendedoras participantes.

MAS POR QUE SANTOS?

“Mas na Baixada Santista não tem nada...” São muitas as vezes que ouvimos isso quando contamos que o Instituto Procomum escolheu Santos e a Baixada Santista como território principal de atuação. Frases como essa refletem, entre outras coisas, a grande desigualdade regional brasileira: embora correspondam a 99% dos municípios do país, as

cidades pequenas e médias não têm vez. Do outro lado dessa realidade, temos a narrativa da “Santos que Inova”, da cidade que tem o maior porto da América Latina e altos índices de qualidade de vida; uma cidade criativa, com direito até a **selo de Cidade Criativa da UNESCO**.

O selo de Cidade Criativa é um reconhecimento dado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) a cidades comprometidas com colocar a cultura e a criatividade no centro de suas políticas, iniciativas e estratégias de desenvolvimento urbano sustentável.

Entre a narrativa otimista e o lamento, existe uma potência gigantesca que vem de quem faz, todos os dias, porque acredita, porque precisa, porque teima. Desde 2016, quando nos estabelecemos como organização, mapeamos quase mil iniciativas de inovação cidadã, empreendedorismo social, artes, cultura e meio ambiente na Baixada Santista. São ações feitas por cidadãos e cidadãs em seus territórios, em rede, em coletivos, em organizações, em seus corpos diversos. Essa criatividade abundante se soma à concentração desigual de renda e investimento, abrindo uma imensa lacuna na construção de oportunidades e no acesso a conhecimento e redes para determinadas pessoas.

Diante disso, o convite que nos fazemos todos os dias é de permanecer em Santos, o mesmo chão em que nasceu o Instituto Procomum, caminhando ao lado de quem busca na coletividade as soluções para transformar sua realidade e mirando uma vida mais justa para todas e todos.



Colabs no LAB Procomum, durante uma das muitas oficinas que aconteceram ao longo do processo





Os colabs em nossa primeira imersão, realizada no Lab Procomum



CONEXÃO SANTOS-REINO UNIDO

por **CATHERINE ROGERS,**
diretora do Haarlem Artspace

No final de 2018, fui ao Brasil numa visita do DICE para levantamento de possíveis parceiros e, lá, conheci os diretores do Instituto Procomum. Partilhamos um momento lindo no café da manhã: ao falarmos sobre nossos objetivos pessoais, bem como os das nossas organizações, percebemos de forma profunda e conectada que queríamos as mesmas coisas. Juntos, decidimos nos candidatar para um dos financiamentos do DICE focado em colaboração para que pudéssemos desenvolver um programa para compartilhar histórias, expertise e aprendizado através do oceano, conectando o Brasil e o Reino Unido.

Eu coordeno um programa que apoia o empreendedorismo criativo na região britânica de Midlands. Também sou co-diretora do Haarlem Artspace, um centro rural de arte contemporânea com estúdios para negócios criativos que foi inaugurado em 2017. Ele está abrigado em um lindo moinho do século 18 em Wirksworth, Derbyshire e as paredes, teto e piso da construção refletem sua história fascinante. O espaço atrai artistas e criativos que estão em busca de comunidade em uma profissão que pode ser bastante solitária.

Nos últimos dois anos, expandimos exponencialmente: hoje, temos uma programação de exposições e eventos e oferecemos apoio para o desenvolvimento das pessoas que são residentes dos nossos estúdios. Por meio dessas ações, continuamos a trocar conhecimento entre disciplinas e estimular a colaboração, convidando nossos públicos a dialogar conosco sobre o que significa criar arte contemporânea rural no século 21.

Os parceiros britânicos do projeto, Catherine Rogers e Paul Steele, participam de roda de conversa realizada em um dos empreendimentos apoiados: o Instituto Chegados, na Vila Margarida, em São Vicente

Nosso primeiro intercâmbio com o Instituto Procomum aconteceu em maio de 2019, depois que iniciamos com sucesso nossa parceria no projeto. Georgia, Marília e Simone, da equipe do Instituto Procomum, nos visitaram para uma residência de uma semana com o tema de coletivismo e ajudaram a selecionar seis artistas que atendiam os critérios do DICE no Reino Unido. Elas também foram convidadas a se unir a nós na exploração de temas familiares para o Procomum, em particular a questão de “comunhar”. Juntas, habitamos um espaço, nos reunimos e pausamos a vida cotidiana para estar umas com as outras no estúdio.

A semana em Derbyshire foi seguida de uma semana em Santos em outubro. Viajei ao lado de Paul Steele, que é o diretor geral da Junction Arts, outra parceira no projeto. Ambas as nossas organizações atuam em regiões rurais e focam em comunidades que não têm acesso ao mesmo suporte, serviços e oportunidades de financiamento e desenvolvimento que geralmente existem para quem vive nas cidades. Assim como o Procomum, não acreditamos que estar fora dos centros (urbanos, econômicos) significa que a inventividade, criatividade e talento são menores ou que o trabalho criado pelas pessoas é inferior.

Em Santos, visitamos alguns empreendimentos participantes, ministramos oficinas conjuntas para os colabs e fizemos reuniões de trabalho e planejamento com a equipe do Instituto. As palavras de Paul refletem bem a riqueza do que vivemos:

“Do ponto de vista organizacional, a visita foi proveitosa por abrir diálogo com os parceiros no Brasil e permitir o compartilhamento de boas práticas. Ficamos muito interessados na abordagem de colaboração do Procomum e na forma como eles gerenciam o LAB. A organização estimula transparência e abertura, e a maneira como ela trata o intercâmbio de habilidades é revigorante. Da minha perspectiva pessoal, foi incrível trabalhar com o grupo da Colaboradora. As oficinas foram muito bem-sucedidas, principalmente por causa da honestidade e entusiasmo de quem participou. As pessoas se abriram para a abordagem da Junction Arts em relação a desenvolvimento de negócios e foi ótimo mostrar a elas os estudos de caso do trabalho que realizamos. Essa experiência me ajudou a refletir sobre minha própria prática na Junction Arts e sobre a forma como valorizamos o processo colaborativo e as experiências dos beneficiários e beneficiárias.”

PAUL STEELE,
diretor geral da Junction Arts

Da minha parte, sempre fico extremamente tocada e animada ao aprender com as pessoas extraordinárias que encontro nos programas dos quais participo. Um dos elementos que mais me interessam são as diferentes posições que as pessoas assumem quando estão desenvolvendo projetos ou participando deles. A oportunidade de viajar para fora do Reino Unido para explorar essas questões em outro país e outra cultura tem sido particularmente transformadora. Minhas vivências no Brasil têm moldado a forma como penso sobre execução de projetos – especialmente aqueles que oferecem treinamento e suporte a outras pessoas. É um processo mútuo de troca e exploração, uma verdadeira partilha de corações abertos.

Outra coisa incrível que acontece nessa troca é um aumento da capacidade de nos adaptarmos e mudarmos. Descobri, na minha última visita a Santos, que essa adaptação aconteceu por meio da escuta das pessoas que estavam participando do processo e da resposta às suas necessidades. E não há como escapar do fato de que, no Brasil, as necessidades são muitas. O Instituto Procomum está trabalhando com pessoas que não tiveram vidas fáceis: sofreram discriminação em inúmeros níveis, e, ao que parece, o caminho adiante não será muito melhor. Uma das diferenças que um espaço como esse faz é ajudar as pessoas a compartilharem aquilo que elas têm. Essa é a essência da Colaboradora.

Estamos todos energizados e energizadas pela perspectiva de criar novas formas conjuntas de trabalhar e viver, nas quais possamos trocar serviços, ideias e boas práticas – e, acima de tudo, construir novos caminhos.



“No encontro com a Catherine e o Paul, eu chorei muito. Eles falaram de uma coisa que eu nunca tinha levado em consideração: a importância da minha história para o meu negócio. Aquilo ficou na minha cabeça. Eu separava muito o conteúdo, a arte que eu fazia da minha pessoa – em outras palavras, separava a pessoa do artista. No final das contas, eu concluí que é a mesma coisa. Eu tenho que valorizar uma para valorizar a outra.”

VISCONDE,

MC e idealizador da Ofreecina



Instituto Procomum e os parceiros britânicos Catherine Rogers e Paul Steele em visita ao empreendimento social Instituto Chegados, em São Vicente



PARTE 02

A COLABORADORA EM AÇÃO

TEORIA DA MUDANÇA

por **SIMONE OLIVEIRA**, gestora da Colaboradora- Empreender e Transformar

A teoria da mudança foi a metodologia utilizada para conectar o problema central no qual a Colaboradora visava intervir, as atividades a serem realizadas para enfrentar esse problema e os resultados a serem alcançados.

Essa é uma ferramenta muito útil para compreender quais caminhos precisam ser percorridos para que cada meta seja alcançada. Recomendamos que ela seja empregada no começo do projeto, revisitada ao longo da implementação para validar as ações intermediárias e, por fim, utilizada como parâmetro para a avaliação de impacto.

CONSTRUÇÃO COLETIVA

Para dar mais consistência ao percurso entre o problema, as ações e os resultados esperados, sugerimos que a construção da teoria da mudança seja realizada por toda a equipe do projeto, eventualmente junto com alguns participantes.

Também é importante que essa construção parta, fundamentalmente, de um diagnóstico prévio do perfil e contexto do público-alvo da ação, e que esteja alinhada às diretrizes institucionais da organização na qual o projeto acontecerá.

DICA: A TEORIA DA MUDANÇA É UM PROCESSO DE ELABORAÇÃO QUE DEMANDA INTENSA REFLEXÃO E DEBATE E EXIGE QUE A EQUIPE ESTEJA DISPONÍVEL E CONCENTRADA. SE FOR POSSÍVEL, APLIQUE A METODOLOGIA EM UM LOCAL RESERVADO E COM TEMPO.

A TEORIA DA MUDANÇA DA COLABORADORA - EMPREENDER E TRANSFORMAR

Nosso ponto de partida foi o reconhecimento de que pessoas que fazem parte do que chamamos de populações sub-representadas têm menos oportunidades de acesso ao conhecimento e de adentrar e se estabelecer no mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo, essas populações desenvolvem inúmeras tecnologias de cooperação e inovação cidadã diariamente. Essas tecnologias precisam ser consideradas ao se estruturar um projeto a partir da **lógica do comum**, que é nossa base aqui no Instituto Procomum.

Reconhecemos em dois dos nossos valores essenciais, autonomia e bem-viver, um bom caminho para potencializar as tecnologias de cooperação já exercidas pelas pessoas com quem iríamos trabalhar e, simultaneamente, provocar entre elas a criação de novos conhecimentos, práticas e redes com impacto social.

O SIGNIFICADO DO COMUM

O comum é um conceito e uma lente para enxergar a realidade de outra maneira. No Instituto Procomum, nós o entendemos e praticamos com base em alguns significados complementares:

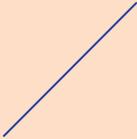
- É natural pensarmos no comum apenas como os bens comuns em si (o planeta, o patrimônio socioambiental, o corpo, a esfera urbana e digital), mas ele também é formado pela gestão desses bens por comunidades que se autogovernam. Esse autogoverno acontece pela criação de procedimentos e regras que garantam que o bem seja usufruído por todos e todas, e não acabe sofrendo apropriação por um ou alguns (o chamado cercamento). Como propõe David Bollier, o comum é a soma entre um recurso, uma comunidade e seus protocolos.
- O comum é um processo político que nos estimula a agir para além das formas cristalizadas do mercado e do Estado moderno.
- É também uma alternativa econômica que produz relações de reciprocidade, generosidade e solidariedade nas comunidades, sejam elas locais ou globais. Essas comunidades incluem os humanos, suas criações (os não humanos) e os outros seres vivos que coabitam a Terra.
- E o melhor de tudo: é uma transformação cultural de grandes proporções, um tutorial prático para uma vida de alegria, imaginação, afetos, sentidos e espiritualidade.

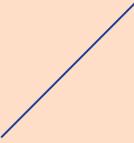
Assim, o plano era construirmos um processo de formação que fortalecesse a autonomia e o bem-viver entre os colabs. Para tanto, nosso percurso formativo foi estruturado em cinco eixos complementares:

EIXOS DO PROGRAMA

- 1** **OFICINAS** com o objetivo de fomentar conhecimentos sobre a gestão de projetos de impacto.
- 2** **MÃO NA MASSA:** exercícios práticos como meio para desenvolver habilidades relacionadas às temáticas propostas.
- 3** **VISITAS E EXPERIÊNCIAS** para diversificar repertórios e redes de relacionamento.
- 4** **CUIDADOS**, como promover autoconhecimento, autoestima e autocuidado.
- 5** **COLABORAÇÃO**, estimulando trocas entre os empreendedores e empreendedoras participantes para consolidar uma rede de apoio e fortalecer sua identificação enquanto grupo.

TEORIA DA MUDANÇA DA COLABORADORA

PROBLEMA/ NECESSIDADE CENTRAL	FALTAM OPORTUNIDADES E ESPAÇOS PARA AS POPULAÇÕES SUB-REPRESENTADAS (POR GÊNERO, RAÇA, OU CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA) DA BAIXADA SANTISTA		
INSUMOS	OFICINAS FORMATIVAS	VISITAS E EXPERIÊNCIAS	MÃO NA MASSA
<u>PRODUTOS</u>	<p>participantes adquirem conhecimentos e passam a utilizar ferramentas para gestão de negócios sociais e criativos</p> <hr/> <p>participantes adquirem conhecimento sobre o ecossistema de negócios criativos da região, e sobre si mesmos enquanto empreendedores e empreendedoras sociais</p>	<p>participantes aumentam o seu repertório sobre formas de atuar, viver e estar no mundo, bem como gerar impacto social</p> <hr/> <p>participantes ampliam suas redes de relacionamento</p>	<p>participantes desenvolvem habilidades de gestão, promoção de impacto e colaboração</p> <hr/> <p>participantes elaboraram o planejamento de seus negócios</p>
<u>PREMISSAS</u>	<p>as oficinas promovem, por si só, o acesso físico e cognitivo aos conteúdos</p>	<p>participantes conseguirão estabelecer vínculos apenas com as visitas/encontros</p>	<p>participantes não possuem recursos para por os planos em prática (ex.: computador)</p>
<u>RESULTADOS INTERMEDIÁRIOS</u>	<p>empreendimentos passam a incluir e/ou qualificar o impacto social em seus processos de criação, produção e distribuição</p>	<p>participantes reveem e qualificam a sua forma de atuação</p>	<p>participantes aprimoram seus negócios</p>
<u>RISCOS</u>	<p>apesar da formação, alguns negócios se mostram insustentáveis e/ou geram renda insuficiente para a segurança financeira do empreendedor ou empreendedora</p> <hr/> <p>surge frustração</p>	<p>os contatos não estabelecem relações/trocas com os participantes</p>	
<u>RESULTADOS FINAIS</u>	<p>as iniciativas de impacto social se fortalecem</p> <hr/> <p>empreendimentos geram segurança financeira, bem-estar social e fortalecimento da rede</p>	<p>participantes se colocam no mundo de forma mais autônoma e sob a perspectiva do bem-viver</p>	<p>empreendedoras e empreendedoras de populações sub-representadas alcançam maior segurança financeira</p>

COLABORAÇÃO	CUIDADOS
ações (eventos, produtos e/ou troca de serviços) realizadas em colaboração	participantes identificam suas fragilidades e potências e como agir sobre elas
participantes dispõem de tempo para realizar as atividades	o programa terá efeito positivo para todos e todas
a contratação de serviços entre os participantes é ampliada	participantes com mais autoestima e consciência do seu potencial
mais e novos eventos/produtos/ serviços são realizados	contratos de trabalho realizados de forma mais justa e equilibrada
	a abordagem de alguns temas ativa gatilhos
colaboração se torna uma prática estabelecida no ecossistema social e criativo da Baixada Santista	populações sub representadas da Baixada Santista têm sua subjetividade fortalecida



RESULTADOS FINAIS

AUMENTO DE OPORTUNIDADES PARA OS PARTICIPANTES



PROPÓSITO

PROPORCIONAR AUTONOMIA E BEM-VIVER PARA OS PARTICIPANTES E O TERRITÓRIO



HIPÓTESE CAUSAL

SE AS OFICINAS FORMATIVAS FIZEREM COM QUE OS PARTICIPANTES ADQUIRAM CONHECIMENTOS PARA A GESTÃO DE NEGÓCIOS SOCIAIS E CRIATIVOS, ELES PODERÃO QUALIFICAR O IMPACTO SOCIAL DE SEUS NEGÓCIOS. ISSO IMPULSIONARÁ O SURGIMENTO DE MAIS INICIATIVAS COM IMPACTO SOCIAL NA BAIXADA SANTISTA, CONTRIBUINDO PARA A AUTONOMIA E O BEM-VIVER DOS PARTICIPANTES.

METODOLOGIA

Como formar empreendedores e empreendedoras de populações sub-representadas no setor criativo com capacidade de gerar impacto social? Para responder a essa pergunta, depois de fazer a teoria da mudança, iniciamos um processo colaborativo de construção do programa metodológico do projeto.

DESENHANDO O COMEÇO E O FIM

Para definir o currículo e o perfil de entrada e saída dos participantes, realizamos uma imersão de cocriação com parceiros, parceiras e a equipe do Instituto. Utilizamos como referência uma pesquisa com as pessoas inscritas no processo seletivo e nossos

conhecimentos sobre a situação atual dos empreendedores e empreendedoras da nossa comunidade. Depois de cruzar as informações colhidas nessas colaborações, fizemos comparações com dados de outros programas de apoio ao empreendedorismo em diversos campos – do setor social às startups.

Para desenhar o programa, começamos pelo fim: primeiro, definimos o efeito que a Colaboradora deveria causar e a forma como gostaríamos que os empreendedores e empreendedoras estivessem ao final da sua participação. Em seguida, buscamos entender a situação atual do grupo ao ingressar, o que também nos deu parâmetros para a seleção. Só então foi possível tomar decisões sobre qual caminho iríamos traçar.

VISÃO GERAL DA METODOLOGIA



A METODOLOGIA DA COLABORADORA - EMPREENDER E TRANSFORMAR

O programa aconteceu em etapas sequenciais:

DIVULGAÇÃO

E SELEÇÃO Definição do público que queríamos alcançar e as melhores formas de chegar até ele. O cuidado nessas análises e nas ações desenvolvidas a partir delas possibilitou uma seleção mais precisa de participantes.

IMERSÃO Momento de “virar a chave”. As pessoas entenderam que são, sim, empreendedoras e podem

usar seus empreendimentos para transformar a vida de quem está ao seu redor.

ACELERAÇÃO Momento de avançar rapidamente pelo trajeto perigoso que são os primeiros passos de um negócio de impacto, empregando técnicas de pesquisa, design, validação e modelagem.

HABILIDADES Uma sequência de oficinas seguidas de aplicação prática para construir conhecimentos, habilidades e atitudes essenciais para quem faz a gestão de um empreendimento da economia criativa de impacto.

ESPECIALIDADES

Oficinas e atividades complementares definidas colaborativamente pela turma de acordo com suas necessidades.

PLANEJAMENTO

FUTURO Um encontro de planejamento estratégico focado em preparar o grupo para a continuidade dos empreendimentos após o fim do programa.

VALIDAÇÃO

Marcando o encerramento do processo, os empreendedores e empreendedoras apresentaram os resultados para um público maior e receberam feedback de profissionais experientes.



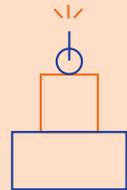
→ ESPECIALIDADES



→ PLANEJAMENTO



→ VALIDAÇÃO



SAÍDA

O NEGÓCIO ESTÁ APRIMORADO E GUIADO POR IMPACTO SOCIAL E COLABORAÇÃO, CONTRIBUINDO PARA O BEM ESTAR E AUTONOMIA DO EMPREENDEDOR OU EMPREENDEDORA



DIVULGAÇÃO E SELEÇÃO

A seleção das pessoas que irão participar de um projeto que pretende gerar impacto social ajuda a definir o sucesso ou o fracasso de todo o percurso. São as pessoas, articuladas entre si, as agentes da transformação que buscamos implementar. Assim, além dos perfis individuais, a seleção deve levar em consideração a composição de todo o grupo.

CHAMADA PÚBLICA

O Instituto Procomum, em muitos de seus projetos, realiza chamadas públicas e abertas. Consideramos isso um mecanismo democrático e transparente, bem como uma boa ferramenta de mapeamento do território ou setor em que vamos atuar.

DIVULGAÇÃO

Para garantir um processo rico de seleção, percorremos uma extensa sequência de etapas que incluiu definição de perfil, análise de contexto, mobilização e engajamento e, por fim, comunicação. Leia mais sobre cada etapa:



Na página ao lado, da esquerda para a direita: Rodrigo Savazoni, Georgia Nicolau e Simone Oliveira, do Instituto Procomum.

Na foto ao lado: as empreendedoras Mariany Passos, Luana Camargo e Vilene Lacerda

DEFINIÇÃO DE PERFIL

Nessa etapa, fizemos um recorte dos fatores a serem priorizados na seleção, como faixa etária, gênero, local de residência, etnia e segmento de atuação, assim como o estágio em que o negócio e o empreendedor ou empreendedora se encontravam.

Como nosso programa era guiado pela colaboração, optamos pela heterogeneidade de segmentos de atuação e reunimos empreendimentos de diversas áreas, como literatura, gastronomia, música, artesanato e tecnologia. Ao mesmo tempo, precisávamos de alguma homogeneidade de fases de desenvolvimento do negócio para permitir que o conteúdo formativo fosse adequado a todos e todas. Por isso, focamos em empreendimentos em estágio inicial.

DICA: É IMPORTANTE TER UM ENTENDIMENTO PRECISO DO ESTÁGIO DE MATURIDADE DE CADA EMPREENDEDOR OU EMPREENDEDORA E FAZER UMA ESCOLHA CONSCIENTE POR FORMAR UMA TURMA HOMOGÊNEA OU NÃO. TURMAS HOMOGÊNEAS PERMITEM MAIOR CONTROLE SOBRE O PROGRAMA E FAZEM COM QUE O PERCURSO CONTRIBUA DE FORMA MAIS UNIFORME PARA TODOS E TODAS. TURMAS HETEROGÊNEAS DIFICULTAM ESSE ALINHAMENTO, MAS ABREM ESPAÇO PARA MAIOR TROCA DENTRO DO GRUPO E A RIQUEZA DA DIVERSIDADE DE OLHARES.



Na foto à esquerda, as empreendedoras Camila Araújo, Amanda Aparecida e Taynara Dias

ANÁLISE DE CONTEXTO

O entendimento do contexto onde o projeto será desenvolvido ajuda a validar o perfil de público e planejar a comunicação da chamada pública.

Aqui, nós nos fizemos perguntas como: na região onde atuamos, há pessoas com o perfil que desenhamos? Participar do projeto será um ganho para elas? Há “unidade de grupo” no segmento que queremos impactar? A metodologia do programa é acessível (física, financeira e intelectualmente) para o público que queremos atingir? A rotina do projeto (horários e locais das atividades) é compatível com a disponibilidade desse público?

Perguntas como essas podem ser respondidas através de uma pesquisa que considere levantamentos anteriores, re-

portagens e até entrevistas com atores que já trabalham com o público que se quer atingir.

No caso da Colaboradora, validamos o perfil por meio de mapeamentos e projetos anteriores realizados pelo Instituto Procomum, como os Circuitos de Inovação Cidadã (<https://www.procomum.org/tag/circuito-labxs/>) e o Mapa BxS (<http://www.viveroiniciativasciudadanas.net/civics/iniciativas/?city=Santos>). Eles nos mostraram que, apesar da pouca visibilidade, havia muitas iniciativas com o perfil que buscávamos na região.

**DICA: IDENTIFIQUE OS GRUPOS
JÁ EXISTENTES NO TERRITÓRIO.**



Da esquerda para direita: as empreendedoras Camila Araújo, Amanda Aparecida e Tayanara Dias; colabs em roda de conversa sobre empreendedorismo e diversidade no Encontro de Criadores; e o grupo da Colaboradora na Vila Margarida, em São Vicente

MOBILIZAÇÃO E ENGAJAMENTO

A partir da análise de contexto, é possível traçar um plano de ação para mobilizar as pessoas relevantes.

Na Colaboradora, foram contratadas duas articuladoras com perfis distintos para que pudéssemos dialogar com os diferentes subgrupos do público que definimos. Sabíamos da existência de iniciativas do setor criativo com potencial de impacto, mas constatamos que muitas delas não se reconheciam enquanto empreendedoras e tampouco como negócios sociais. Isso poderia gerar uma lacuna na comunicação.

Nesse cenário, o papel das articuladoras foi essencial. Elas realizaram um mapeamento e reconhecimento do público, divulgando os benefícios do projeto e nos conectando com quem estava buscando o que tínhamos a oferecer.

DICA: A PESSOA RESPONSÁVEL PELA ARTICULAÇÃO PODE ENVIESAR O PERFIL DAS CANDIDATURAS, JÁ QUE, COMO TODOS NÓS, ELA ESTÁ NATURALMENTE MAIS CONECTADA COM DETERMINADAS REDES DE INTERESSES E RELACIONAMENTOS. CONFIRA SE ELA ESTÁ ALINHADA COM O PÚBLICO QUE VOCÊ PRETENDE Atingir e considere ter articuladores e articuladoras com perfis complementares.

COMUNICAÇÃO

Nossa escolha por trabalhar com populações sub-representadas nos ajudou a reconhecer as dificuldades de acesso a oportunidades como essa. Isso nos levou a pensar nas melhores formas de divulgação da Colaboradora, realizando múltiplas atividades para dar capilaridade às inscrições:

- Criação de um hotsite para a chamada pública, com a apresentação do projeto, o edital, perguntas frequentes e o formulário de inscrição.
- Criação de flyer e folder eletrônico e impresso.
- Mapeamento e distribuição de material gráfico do projeto em espaços frequentados pelo público que queríamos atingir, como equipamentos de cultura e lazer, eventos, centros sociais, ONGs, agências públicas e locais de grande circulação.
- Envio de release à imprensa (rádio, TV, jornal e internet).
- Realização de entrevistas com a equipe do projeto em programas de TV e mídia impressa.
- Parceria com rádio local para veiculação de spot sobre o programa.

DICA: RECOMENDAMOS A REALIZAÇÃO DE EVENTOS PARA APRESENTAÇÃO DO PROJETO EM TERRITÓRIOS DISTINTOS, ALÉM DE PLANTÕES PARA RESOLUÇÃO DE DÚVIDAS SOBRE O EDITAL E APOIO PARA O PREENCHIMENTO DO FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO.

SELEÇÃO

Todo o processo de identificação de público, mobilização e comunicação se mostrou bastante efetivo para nós, que atuamos na escala regional da Baixada Santista: recebemos inscrições de todos os nove municípios da região.

Por fim, implementamos duas etapas:

- Uma análise das fichas de inscrição submetidas por meio do site, feita por um grupo de pessoas do Instituto Procomum a partir de critérios predefinidos.
- Entrevistas presenciais com as pessoas pré-selecionadas na fase anterior, realizadas pela equipe de coordenação do projeto. Isso permitiu que dúvidas e outras questões fossem resolvidas antes da seleção final, além de prevenir eventuais desistências.

DICA: CONSIDERE SELECIONAR UM PÚBLICO 20% MAIOR DO QUE O PREVISTO, JÁ QUE OS PROCESSOS ESTÃO SEMPRE SUJEITOS À EVASÃO.

COLABS DA EDIÇÃO 2019



ANDRÉ LEANDRO

É articulador socioambiental e empreende o projeto Óleo Noel Recycla, que coleta óleo de cozinha e outros recicláveis nas periferias de Santos. É consultor de novas tecnologias sociais que abordam questões ambientais por meio de oficinas e jogos, a exemplo do Ecológico Board Game.

www.facebook.com/projetooleonel



ANDREY HAAG

É fotógrafo e videomaker autodidata. Criou a Tumulto Rec, uma produtora audiovisual que tem como prioridade trabalhar com artistas de baixa renda e pessoas LGBTQIA+, cobrando valores acessíveis.

[@andynacksag](https://www.instagram.com/andynacksag)



CAMILA ARAÚJO

Artesã e empreendedora. É CEO da Chinua Acessórios, que representa sua autoafirmação e amor por arte e trabalho manual. A marca tem como pilares o consumo consciente, o trabalho sustentável e o empoderamento de mulheres. Todos os acessórios são confeccionados com tecidos originais vindos da África.

[@chinuaacessorios](#)

CAMILLE MESQUITA

O consumo consciente e a economia circular a ensinaram que a roupa mais sustentável é a que já existe. Junto com Lahra e Giovanna, está a frente do Girô, uma plataforma de compra e informação no formato de brechó que busca ser uma alternativa concreta e acessível para a compra de roupas.

[@girogirobrecho](#)



DANI EMILIANO

É apaixonada por desenhos desde criança. Hoje em dia, é ilustradora e artista gráfica freelancer. Produz trabalhos digitais e tradicionais que destacam uma de suas principais habilidades: o desenho de retratos expressivos.

[@daniemiliano.artes](#)





DENER XAVIER

Membro fundador do Instituto Chegados, em São Vicente, e da Global Hood Network, programa de intercâmbio cultural e cooperação internacional por meio do ensino de línguas. Formado em Comércio Exterior, Administração e Logística, trabalha como produtor cultural em várias quebradas e empreende iniciativas de valorização das periferias do mundo.

[@instituto.chegados](#) [@globalhoodnetwork](#)

DIEZ

É atriz e performer da Cia. Etra de dança contemporânea e cursa Comunicação das Artes do Corpo na PUC-SP. Como produtora cultural, promove a festa SELVAGERYA - Movimento de integração cultural pela liberdade dos corpos, que leva produções e artistas LGBTQIA+ ao centro de Santos.

[@selvagerya](#) [@nuevediezz](#)



EDGAR HENRIQUE SIQUEIRA

Estudou Administração, Gestão Estratégica e Engenharia de Processos. Depois de atuar na sua área de formação, passou a colaborar com projetos sociais, culturais e artísticos focados em linguagens periféricas e populares. Como artista, realizou trabalhos na área de performance, teatro, audiovisual e cinema.

[linkedin.com/in/edgarsiqueira](#)





FERNANDA CAMARA

É bióloga, artista, maker e educadora. Atua como coordenadora e educadora no Ateliê Hacker desde 2014. Entusiasta da tecnologia, trabalha com fabricação digital, biohacking e wearables.

[@ateliéhacker](#)

FILIPE RITO

É gastrônomo, apaixonado pela cozinha e por tecnologia. Empreende uma iniciativa de construção de equipamentos de cozinha a preços acessíveis. Espera que seu projeto ajude pessoas de baixa renda a acessarem ferramentas usadas em grandes empreendimentos.

[@filiperito](#)



HELOISA MELO

É produtora cultural e está à frente do Mba - coworking de cultura e bem estar, um empreendimento que tem como missão ser um catalisador de oportunidades para produtores e iniciativas socioculturais de Itanhaém.

[@helohmelow](#)





JONATHAN SANTOS

É aprendiz de músico e monitor ambiental na área de Caruara, em Santos, onde participa do projeto de turismo de base comunitária TBC Caruara. É apaixonado por cultura e natureza desde quando se entende por gente, e hoje em dia luta pela liberdade de expressão e ideias sustentáveis.

@eujhows

JULIE LUA

Mãe de três crianças, arte-educadora e empreendedora social na Conto de Fadas Festas. Atua desde 2015 com animação de festas e entretenimento para crianças periféricas. Desenvolve diferentes projetos, como o Colorindo a Quebrada com Poesia, que já arrecadou e doou mais de 600 livros e gibis na Praia Grande.

@fadas_contode



LUANA CAMARGO

Mãe de três filhos, empreendedora social e apaixonada por comida caseira. Tornou-se confeitadeira e hoje realiza seu maior sonho à frente da microempresa Empadinhas Luana.

empadinhasluana@gmail.com





LUCIANA DA CRUZ

Artesã e empreendedora social por trás da Lumimus Ateliê - Moda e Decó Sustentável e da Afro Santos - Economia Criativa. Criou também o Coletivo AfroTu para resgatar a identidade afro-brasileira por meio de ações que unem arte, cultura, sustentabilidade e empreendedorismo. Busca valorizar a identidade santista e os afroempreendedores criativos.

@lumimus @afrotuu

LUIZ TAPIJURI

Artesão, designer gráfico e idealizador da Baixada Sublimática, iniciativa que confecciona peças que eternizam momentos especiais. Sediada na zona noroeste de Santos, a empresa busca sempre fortalecer projetos sociais com uniformes e itens personalizados.

@baixadasublimatica



MARIA SIL

É cantora e produtora cultural formada em Artes Dramáticas pelo Senac (2011). Foi produtora do TATÁ (Núcleo de Dança-Teatro da Universidade Federal de Pelotas). Em 2017, lançou o single Olhos Amarelos, onde reflete sobre sua vivência enquanto jovem não-binária que vive com o vírus HIV. Atualmente, estuda Teatro na Universidade de Brasília (UnB).

@emariasil





MARIANY PASSOS

Produtora cultural, DJ e mãe. É idealizadora do ELA – Empoderamento, Liberdade e Arte, um movimento de fomento ao protagonismo e emancipação feminina na arte e na cultura. Trabalha pela autonomia financeira de mulheres em situação de vulnerabilidade e pela visibilidade de artistas negras e periféricas.

@ela.movimento

MEDUZA

É MC, oficinaira e criadora da batalha de rimas Batalha do Caoz, em São Vicente. Decidida a enfrentar o racismo e o machismo por meio das palavras, tirou suas poesias da gaveta e começou a fazer rap e freestyle. Salvou-se por meio do hip-hop diversas vezes, e pretende ser inspiração para que outras mulheres façam o mesmo.

@meduza.braba



NEGO PANDA

Morador de Praia Grande, é griot, artesão, escritor, produtor cultural, poeta, slammer, capoeirista e arte-educador. Organiza o Sarau das Ostras e está à frente do selo Periferia Tem Palavra, que produz livros, livretos e cartões-poesia.

@nego_panda



TAYNARA DIAS

É articuladora social e criadora do Favela Fashion Dique e do Florescer Hub, iniciativas com foco no desenvolvimento e empoderamento de crianças, jovens e mulheres periféricas por meio da moda e da valorização da autoestima.

@taydiaaaas

VILENE LACERDA

Articuladora social. Realiza a Feira Preta de Bertiooga e é idealizadora do sarau Elas na Quebrada, uma plataforma artística para mulheres periféricas em Bertiooga, no litoral paulista.

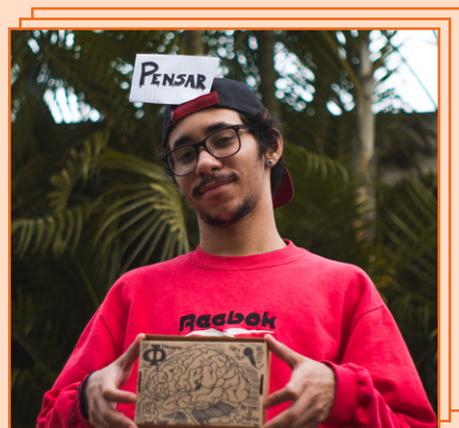
@lenee_lacerda



VISCONDE

É MC, músico e apoiador da cultura do hip-hop. Organiza o evento anual Litoral x Litoral, que promove o encontro entre batalhas de rima da Baixada Santista e do litoral norte paulista. Também criou a Ofreecina, uma oficina de rima nas ruas para democratizar o acesso ao conhecimento misturando hip-hop, história e filosofia.

@condekeruvi





Oficina da Colaboradora - Empreender e Transformar no Lab Procomum

IMERSÃO

Feita a seleção dos colabs, partimos para a etapa imersiva, que teve diversos objetivos. O primeiro era incentivar que os empreendedores e empreendedoras participantes se reconhecessem enquanto grupo e desenvolvessem vínculos uns com os outros.

O segundo era criar engajamento com o programa, o que incluía consolidar uma compreensão coletiva de que a colaboração é uma estratégia de fortalecimento individual e de grupo.

Por fim, buscamos estimular o contato dos colabs consigo mesmos. Um dos propósitos da **Colaboradora - Empreender e Transformar** era que os empreendedores e empreendedoras construíssem seus projetos com autenticidade, gerando, além de renda, a afirmação de suas existências. Isso

só pode acontecer a partir do reconhecimento da história, memória, cultura e identidade de cada um e cada uma.

Para isso, realizamos dinâmicas por meio das quais, de forma despretenhosa, as pessoas pudessem ir conhecendo mais sobre quem estava ao seu redor e sobre si mesmas. Foi um espaço de festa, sorrisos e risadas, incluindo um happy hour com palco livre.

A partir da observação da turma formada na seleção e suas demandas, decidimos incluir também uma oficina de organização pessoal e educação financeira para auxiliar os participantes a se organizarem no tempo e separarem as contas pessoais das contas do seu negócio. **Acreditamos que é fundamental cuidarmos de nós mesmos antes de começarmos a cuidar de nossos empreendimentos!**

“Participar da Colaboradora me trouxe várias descobertas. A primeira, e também a principal, surgiu logo no começo desse processo de imersão. Eu descobri a minha identidade. Eu era mais do que a ‘tia da pintura’ e não sabia. Eu sequer sabia que o que eu fazia tinha nome. Eu sou uma arte-educadora com impacto periférico.”

JULIE LUA,

Conto de Fadas Festas

ACELERAÇÃO

A maior parte dos empreendimentos não consegue ultrapassar os primeiros estágios de vida e chegar a se transformar em um negócio sustentável. Isso é um desafio ainda maior em um negócio que busca o impacto social e que é conduzido por empreendedores e empreendedoras que enfrentam, eles próprios, situações de vulnerabilidade: nesses casos, um eventual fracasso não é apenas individual, mas também dos grupos que viriam a ser beneficiados pela iniciativa.

Um programa de aceleração existe justamente para apoiar os empreendedores de forma a aumentar sua chance de chegar ao estágio de sustentabilidade. A intenção é tornar o caminho até lá mais curto e viável, superando rapidamente os desafios e diminuindo o desperdício de recursos e esforços.

Assim, na etapa de Aceleração propusemos uma sequência de exercícios para aumentar a consciência dos colabs sobre seus empreendimentos e dar apoio às escolhas e decisões necessárias para formatá-los. Por exemplo, o MVP (mínimo produto viável) permite testar a aceitação do público e a capacidade de impacto do projeto, permitindo correções de percurso e diminuindo o tempo e esforço investidos em ideias inconsistentes. Depois de criá-lo, a turma o testou em um evento. Outras ferramentas utilizadas foram a pesquisa de público, a teoria da mudança e o Canvas, uma ferramenta de planejamento estratégico que permite desenhar modelos de negócios novos ou existentes.

“A Aceleração na Colaboradora foi uma das etapas mais importantes para o meu negócio. Eu fazia muitas coisas por impulso, sem pensar e sem ter uma base. Depois da aula com o Niva, finalmente descobri com quem eu conversava, ou seja, quem eram os meus clientes. Isso fez toda a diferença e está fazendo até hoje.”

CAMILA ARAÚJO,

Chinua Acessórios

Nessa etapa, entrou em ação a nossa assistente de desenvolvimento de projetos, Hanna Pereira, que passou a fazer parte da equipe da Colaboradora para apoiar os empreendedores e empreendedoras na realização das atividades. Em nossa experiência, esse papel foi decisivo, pois proporcionou suporte individual aos participantes que não tinham familiaridade com as ferramentas oferecidas.

A etapa terminou com um pitch para uma banca e para a própria turma, o que estimulou os colabs a ter domínio de seus projetos e suas narrativas para apresentá-los de forma concisa. Nesse dia, eles receberam feedbacks qualificados que contribuíram para a tomada de melhores decisões nas próximas etapas.

“Os empreendedores e empreendedoras periféricos encontram desafios diários que, muitas vezes, estão relacionados a necessidades básicas. Quando eixos primordiais estão fragilizados, como estruturar uma ideia cujo retorno você ainda não enxerga? Foi com essa questão que me deparei ao iniciar a assessoria para os colabs. Em geral, são pessoas que aprenderam o que sabem fazendo. Muitas não tinham sequer ouvido falar de uma ferramenta de gestão. Então, meu maior papel foi escutar, motivar, estimular o grupo a encontrar significado em demandas que nunca haviam imaginado e, por vezes, lembrar que esse significado pode levar tempo para chegar, mas chega. Estar aberto para o novo fará toda a diferença lá na frente. Além disso, identificar a realidade por trás da dificuldade de cada pessoa fez muita diferença na hora de eu decidir como contribuir, pois, dependendo disso, é necessário usar abordagens completamente diferentes. Minha reação poderia enterrar de vez o sonho de alguém ou alavancá-lo. Se a pessoa não passar a acreditar em si mesma, como poderá visualizar um investidor apostando no seu negócio? Antes dos desafios práticos, vem a autoestima.”

HANNA PEREIRA,

assistente de desenvolvimento de projetos da Colaboradora - Empreender e Transformar



Colabs preparando e apresentando seu primeiro pitch

“O pitch me deu a segurança de falar em público de forma clara sobre meu projeto. Aprendi a ter mais equilíbrio emocional em relação ao meu negócio, mesmo com as dificuldades que ocorrem no dia a dia, e consegui ver meu negócio no futuro. O processo abriu caminhos até os quais eu nem imaginava chegar.”

LUANA CAMARGO,

Empadinhas Luana



HABILIDADES

A primeira metade do percurso deu aos participantes a oportunidade de definir e validar seus modelos de negócios e de impacto. A partir daqui, a turma precisava conhecer novas ferramentas e desenvolver habilidades para seguir liderando seus projetos.

A etapa de Habilidades abrangeu uma série de oficinas seguidas de exercícios práticos, sempre com acompanhamento individual. Nelas, os empreendedores e empreendedoras vivenciaram o desafio de criar as narrativas dos seus negócios usando o storytelling, desenhar estratégias de captação de recursos a partir da construção narrativa, planejar a gestão financeira, estruturar seu plano de marketing e criar métricas e indicadores para mensuração de impacto.

ESPECIALIDADES

Nos últimos dois meses de projeto, depois de passarem pelas formações gerais, os próprios colabs debateram, enquanto grupo, de quais conhecimentos e habilidades específicos ainda sentiam falta. Como uma das metas do programa é promover a autonomia, entendemos que esse processo era essencial.

Para chegar a esses conteúdos comuns, realizamos previamente uma pesquisa qualitativa individual, e depois, debatemos em grupo quais dos temas mais mencionados deveriam ser contemplados. Esse debate está longe de ter sido trivial: fizemos uma mediação sensível para garantir respostas equânimes às necessidades de todos e todas e gerar ideias que iam além do repertório da turma.

As escolhas foram por oficinas de elaboração de projetos, direitos autorais e captação de recursos.



Oficinas da Colaboradora - Empreender e Transformar no LAB Procomum

PLANEJAMENTO

Na reta final do programa, os empreendedores e empreendedoras tiveram a oportunidade de rever o modelo de negócios desenhado na etapa de Aceleração à luz de experiências e aprendizados mais recentes, bem como traçar planos para seus empreendimentos no próximo ano.

O planejamento estratégico foi uma forma do Instituto Procomum contribuir com a turma para além do tempo no programa. A intenção era aumentar as chances de sobrevivência e efetividade dos projetos criados, garantindo que eles gerassem melhorias duradouras na vida das pessoas.

Encerramos a **Colaboradora - Empreender e Transformar** com um evento aberto. Nele, convidamos a comunidade empreendedora da economia criativa e de impacto da região a conhecer os colabs e seus empreen-

“Foi um ano de intenso aprendizado para todos e todas. A formação do empreendedor é um processo contínuo e cíclico: a cada aperfeiçoamento no negócio, novos desafios se impõem. A etapa de Planejamento, assim, é uma forma de provocar os colabs a olhar para o futuro e seguir crescendo.”

SIMONE OLIVEIRA,
gestora da **Colaboradora - Empreender e Transformar**

dimentos. Foi uma oportunidade de expor os resultados do programa e criar novas oportunidades – inclusive mobilizando pessoas interessadas em uma próxima edição. E, acima de tudo, foi um evento de celebração dos aprendizados, da caminhada, das potências e da vida de cada um e cada uma, bem como do futuro que está por vir.



Mentoria com Daiane Almeida

MENTORIA

A mentoria aconteceu em paralelo à etapa de Especialidades da Colaboradora e representou uma oportunidade de orientação individual para cada empreendedor e empreendedora.

Percebemos que a escolha de quem faria a mentoria era estratégica e, por isso, nos baseamos em um estudo dos perfis e aspirações dos participantes. Selecionamos pessoas periféricas com experiências bem-sucedidas de negócios sociais, liderança feminina, moda, design e produção cultural. Era importante que elas tivessem sabedoria para ajudar os colabs a enxergar além do momento imediato, reduzir a ansiedade e fazer planos.

DICA: OS MENTORES E MENTORAS PRECISAM TER UMA CONEXÃO PESSOAL COM SEUS MENTORANDOS E MENTORANDAS E SEREM VISTOS POR ELES COMO MODELO E EXEMPLO. SEU PAPEL É FAZER BOAS PERGUNTAS E APOIAR PROCESSOS DE TOMADA DE DECISÃO. MUITAS VEZES O CONHECIMENTO TÉCNICO ESPECÍFICO É MENOS IMPORTANTE QUE A SENSIBILIDADE E A CONEXÃO PESSOAL.

As mentorias se dividiram entre uma sessão aberta com todos os participantes e reuniões individuais. Cada mentor ou mentora apoiava individualmente um máximo de três colabs. E, para potencializar a inspiração, um dos encontros aconteceu em seu próprio local de trabalho.

“Na Colaboradora, fiz parte da formação e também fui mentora de empreendedoras de negócios ligados a moda e cultura. Entendemos conjuntamente as demandas de cada uma e, assim, definimos objetivos e um cronograma de atividades como pesquisas e aplicações práticas. Empreguei com elas uma metodologia que utilizo no meu próprio processo criativo, e foi muito bacana. Percorremos juntas um circuito de arte que incluiu a Japan House, focando os produtos e cenografia do espaço, a Casa das Rosas, o Sesc Paulista e o Itaú Cultural, com seu acervo permanente de imagens do Descobrimento do Brasil. Depois, seguimos pela Avenida Paulista até a Rua Augusta, onde visitamos as lojas colaborativas, analisando produtos, exposição, atendimento, preço, comunicação das marcas, etc. Terminamos a visita em uma hamburgueria de empreendedores negros que fomenta parcerias com outros negócios periféricos, fortalecendo o ecossistema da economia criativa.

Percebi o impacto da mentoria na vontade delas de realmente mudar o status de seus negócios. Elas se tornaram questionadoras, pesquisadoras e mais interessadas. Mesmo com as dificuldades do empreendimento solo, senti nelas força, responsabilidade e vontade de fazer a iniciativa dar certo.”

Dani Gabriel,
empreendedoras e mentora

DICA: AS PESSOAS QUE ATUAM COMO MENTORAS PRECISAM TER UMA CARACTERÍSTICA REALIZADORA PARA CONTRIBUIR NA EFETIVAÇÃO DO PROJETO DE SEUS MENTORANDOS E MENTORANDAS. TRAZER IDEIAS ADICIONAIS PODE ACABAR ADIANDO A EXECUÇÃO DE UM PROJETO.

“Todas as fases do processo da Colaboradora foram muito importantes, mas a mentoria foi o que conectou tudo. Me identifiquei muito com a Daiane, minha mentora, que tem uma história de vida incrível e agregou muito aos meus projetos. Ela abriu meus olhos para várias questões e possibilidades que eu ainda não enxergava. Ganhei não só uma mentora como uma amiga: conversamos sobre nossas vidas pessoais, metas e desejos, e também sobre trabalho e realização. Tenho muito a agradecer pela injeção de força, ânimo e coragem que ela me deu. Estou seguindo aquilo que ela me propôs e criando a minha identidade pessoal. Está dando tudo certo até agora.”

TAYNARA DIAS,
Florescer Hub e Favela Fashion Dique

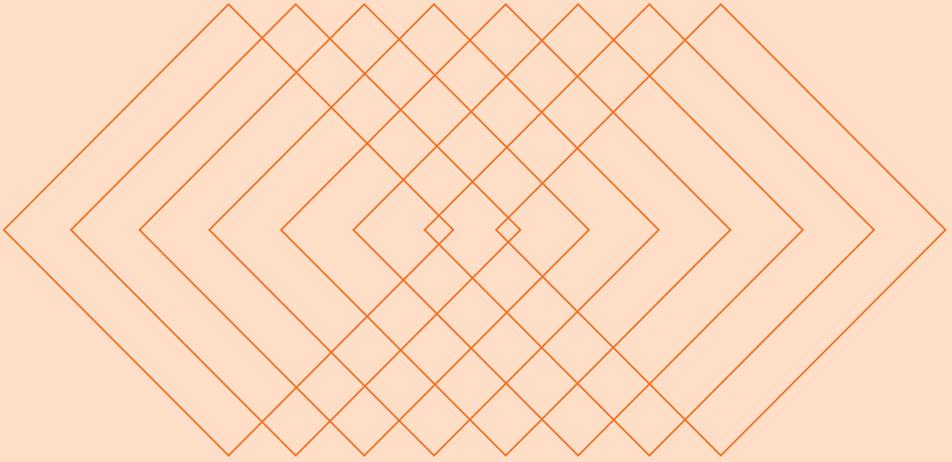
OS MENTORES E MENTORAS

DANI GABRIEL

É formada em Comunicação Social, pós-graduada em Gestão do Design de Moda e especializada em Gerência de Produto pela Fundação Getúlio Vargas. Tem 17 anos de experiência em estilo e desenvolvimento de produto de moda, com domínio de processos de criação e de todo o ciclo de gestão de desenvolvimento de produtos, marketing e comunicação. Atua como docente nas disciplinas de Planejamento Estratégico e Desenvolvimento de Coleções, Marketing e Comunicação de Moda e Pesquisa de Tendências de Moda em várias instituições, dentre elas o Senac Lapa Faustolo. Possui experiência em incubação de empreendimentos dentro da economia solidária. Foi assessora do Projeto Tecendo Sonhos na Aliança Empreendedora e, no Instituto Feira Preta, atuou no projeto Afrolab. Colaborou com projetos de criação e desenvolvimento de produto e produção no Laboratório Fantasma.

MARI BERGEL

Jornalista, trabalhou como repórter e editora durante dez anos na grande imprensa, passando pela Folha de S.Paulo, Diário de S.Paulo, Jornal da Tarde, BBC Brasil e Carta Capital, entre outros. Fundou em 2008 a Boia Fria Produções, uma produtora cultural, editora musical e selo fonográfico que atua no gerenciamento de carreira de artistas, venda e produção de shows, assessoria de imprensa, redes sociais, relações públicas e gestão de imagem de artistas. A Boia Fria foca na música negra em todas as suas vertentes, especialmente o hip-hop e a soul music nacional. Já trabalhou com artistas como Seu Jorge, Banda Black Rio, Tom Zé, Edi Rock, KI Jay, Racionais MCs, Mano Brown, Elza Soares, Negra Li, Tony Tornado, Ed Motta, BNegão e Paula Lima, entre outros. Foi a empresária responsável pelas carreiras dos rappers Dexter (de 2011 a 2014) e Rincon Sapiência (de 2015 a 2018). Atualmente, administra a carreira da artista Amanda Magalhães. Também foi idealizadora e responsável pela realização dos festivais Mestres da Soul e SP RAP, eleito pelo público do Guia da Folha o melhor festival de 2014.



DJ BOLA

Marcelo Rocha, ou DJ Bola, fundou A Banca em 1999 como um movimento juvenil. Em 2008, transformou esse movimento em uma empresa sem fins lucrativos, na qual atua como diretor executivo, e a posicionou como uma produtora cultural e social de impacto. Foi homenageado pelo TRIP TRANSFORMADORES em 2014. Promove conexões entre empresas do setor 2.5 por meio de parcerias estratégicas envolvendo atores como Artemisia, NESSt, ICE, FGVcenn, Vox Capital, Via Varejo, Fundo MOV, Quintessa, Instituto Papel Solidário, Social Good Brasil e Simbiose Social. Realizou em maio de 2017 o 1º Fórum de Negócios de Impacto da Periferia no Jardim Ângela, na zona sul de São Paulo. Em parceria com a FGVcenn e a Artemisia, criou a aceleradora de negócios de impacto socioambiental ANIP (Aceleradora de Negócios de Impacto da Periferia), voltada exclusivamente para empreendedores de impacto das periferias de São Paulo. Atua como apoiador e mentor de empreendedores e empreendedoras sociais de diferentes segmentos.

DAIANE ALMEIDA

É gestora e consultora em programas de aceleração de startups e negócios de impacto desde 2017. Com sólida experiência no desenvolvimento de negócios, empreende desde os 15 anos e já trabalhou com ações de comunicação para construção de marca e vendas B2B e B2C. Atualmente, é consultora associada da Yunus Corporate, da Semente Negócios e do programa Vai Tec, além de ter colaborado com o Clube da Preta e o BlackRocks. Em paralelo, empreende a Delta S, empresa focada no desenvolvimento de negócios e produtos inovadores. É bacharel em Relações Públicas pela FECAP e mestranda em Empreendedorismo e Inovação pela USP. Possui também extensão em Inovação Digital e Mídias Sociais pela ESPM e estudou neuromarketing e neurociência do consumo em um curso ministrado pela Copenhagen Business School.

PASSEIOS

A inclusão de atividades externas no processo formativo contribuiu muito para o fortalecimento de vínculos entre os participantes da Colaboradora. Elas estimulam que eles passem por novas vivências e descobertas juntos e, nesse caminho, tenham uma rede de outro tipo: uma de memórias comuns e afetos.

Escolhemos cuidadosamente experiências que também ampliassem o repertório dos colabs de modo a fortalecer seu perfil de empreendedoras e empreendedores criativos de impacto. Assim, organizamos um roteiro que mesclou a ampliação de saberes no campo da gestão de negócios, o reconhecimento de referências e inspirações no setor criativo e de impacto social e a diversificação de exemplos (estéticos, de modos de organização, de modelos de produção de impacto social, de estímulo à cooperação e de networking).

EXCURSÃO!

Estivemos presentes no 2º Fórum de Negócios de Impacto da Periferia, no Jardim Ângela, em São Paulo, organizado pelos parceiros d'A Banca. Lá, os colabs ouviram diferentes relatos de pessoas que trabalham com investimento e empreendimento social e participaram de debates sobre economia criativa, impacto social e negócios sociais, além de entrar em contato com as experiências de empreendedores e empreendedoras de outras periferias além da Baixada Santista.

Na Feira do Empreendedor do Sebrae, ouvimos profissionais reconhecidos, descobrimos novas ferramentas e acessamos informações sobre formalização, investimento e gestão.

No Red Bull Station e na ocupação Ouvridor 63 – hubs criativos com perfis distintos –, observamos diferentes modelos de gestão cultural, de ocupação de espaços e de residências artísticas.

Visitamos o Museu Afro Brasil e o CCN (Centro de Culturas Negras), onde testemunhamos Mãe Sylvia de Oxalá diversificando as referências estéticas e fizemos uma reflexão sobre a participação da cultura africana na formação da sociedade brasileira.

No Galpão ZL, promovemos um encontro com empreendedores e empreendedoras do Inova ZL, um programa de empreendimento social da periferia de São Paulo realizado pela Fundação Tide Setubal em parceria com o Instituto Jatobás, estimulando a formação de outras redes e conexões para além do território de atuação de cada colab.

“Foi importante termos conhecido a Ouvridor 63 e descoberto como funcionam outros sistemas de colaboração, com outros corpos e vivências. Ter contato com outras culturas, como no Museu Afro Brasil, foi essencial para as informações que uso no meu trabalho. E, ao ver como funciona o CCN, percebi que, por mais que haja um lugar que fala essencial de negritude, eu não preciso ser um artista negro para falar sobre este tema.”

ANDREY HAAG,
produtora Tumulto Rec



Em sentido horário: colabs no Red Bull Station, Museu Afro Brasil e Fórum de Negócios da Periferia



BANCO DE TEMPO

Faça um exercício de imaginação. Pense em algo que você conquistou ou aprendeu e em quantas pessoas precisaram estar presentes para que isso acontecesse. Tente desenhar um mapa dos recursos envolvidos. Toda vez que fazemos esse exercício, fica evidente que existe uma camada invisível de suporte que não passa pelo dinheiro, mas que nos permite existir, trabalhar, alcançar conquistas e aprender.

É por dar visibilidade à abundância desses recursos e multiplicar essa teia de trocas e afetos que o Banco de Tempo foi um elemento essencial da nossa Colaboradora. Afinal, não é coincidência que nossa escola livre tem em seu título a palavra colaborar.

O QUE É?

Em economia, uma moeda baseada no tempo é uma moeda alternativa ou sistema de câmbio onde, ao invés do dinheiro, a unidade de conta são as horas das pessoas envolvidas.

O Banco de Tempo da Colaboradora é um mecanismo de incentivo e registro das trocas de serviços, colaborações, produções coletivas e demais iniciativas de apoio mútuo realizadas entre os colabs, medindo-as por meio do tempo disponibilizado e recebido por cada um e cada uma. Ele dá suporte para o processo formativo do programa.

COMO FUNCIONA O ESQUEMA DE CRÉDITOS E DÉBITO DAS HORAS?

No início do processo, cada integrante da **Colaboradora - Empreender e Transformar** recebeu seis horas de crédito em tempo para utilizar com os serviços oferecidos por outros participantes. Mensalmente, eram debitadas quatro horas da “conta” de cada um. Assim, para manter o saldo positivo, as pessoas precisavam disponibilizar no mínimo quatro horas mensais em atividades para suas colegas, para o próprio programa, ou para o espaço do LAB Procomum. Essa era uma forma dos colabs retribuirmo o investimento que o Instituto Procomum fez ao oferecer um projeto sem custos em moeda corrente, ao mesmo tempo em que fortaleciam os projetos de seus pares.

COMO ERA POSSÍVEL SABER QUAIS SERVIÇOS PODERIAM SER UTILIZADOS?

Os serviços eram identificados por oferta ou demanda. No painel de ofertas, as pessoas informavam quais serviços ou habilidades queriam oferecer naquele mês. No painel de demandas, informavam o que estavam precisando. Todos e todas podiam ver e se candidatar para as atividades para as quais havia demanda. Havia, ainda, uma lista de sugestões de atividades a serem realizadas.



*Os empreendedores
Visconde e Edgar Siqueira*

EXISTIAM SERVIÇOS QUE NÃO ERAM ACEITOS NO BANCO DE TEMPO?

Não restringimos os tipos de serviços, mas recomendávamos que serviços que representassem a principal fonte de renda do doador ou doadora fossem oferecidos por, no máximo, cinco horas, estimulando também o exercício de remuneração entre os pares.

UMA MESMA ATIVIDADE PODIA SER CONTABILIZADA ENTRE DUAS OU MAIS PESSOAS?

Sim. Caso tanto o receptor como o doador se dedicassem à troca e se beneficiassem dela – como na confecção de produtos em parceria ou realização de eventos –, ambos podiam computar uma mesma iniciativa como tempo doado.

CASO UM SERVIÇO DOADO BENEFICIASSE MAIS DE UM RECEPTOR AO MESMO TEMPO, O DOADOR PODIA CONTABILIZAR AS HORAS DOADAS DE FORMA CUMULATIVA?

As horas doadas eram contabilizadas pelo tempo dedicado e não pela quantidade de receptores. Por exemplo, se alguém realizasse um curso com duas horas de duração onde dez colabs fossem beneficiados, sua doação total seria de duas horas, e cada pessoa que participasse do curso abateria duas horas do seu saldo.

Para estimular que a troca fosse diversificada, sugeríamos regularmente que outros pares de doador/receptor fossem estabelecidos mensalmente.

COMO AS TROCAS ERAM CONTABILIZADAS?

Quinzenalmente, os colabs informavam as trocas realizadas em um painel, incluindo o tempo disponibilizado, o serviço realizado e quem recebeu a doação. As pessoas que haviam recebido a doação validavam as informações com uma assinatura ao lado. Mensalmente, somávamos os créditos (horas doadas) e os débitos (horas recebidas), gerando um placar com o saldo de horas de cada participante. A indicação era de no mínimo quatro horas doadas por mês. Os colabs que recebiam mais horas em serviços do que as horas doadas ficavam com saldo negativo, e podiam abatê-lo nos meses seguintes. Aqueles que doavam mais horas do que recebiam encerravam o mês com saldo positivo.

“Quando soube que o Filipe, que também faz parte do Grupo de Trabalho Hacker do LAB Procomum, mexia com gastronomia e tecnologia, fiquei curiosa, já que eu faço empadinhas. A parceria com ele acabou trazendo muitas boas surpresas para mim. Criamos uma nova forma para minha empada e cortadores com o meu design e marca. Cada etapa aconteceu com muito cuidado e dedicação usando a moeda do tempo.”

LUANA CAMARGO,

Empadinhas Luana

DICA: POR FALTA DE HÁBITO, TIMIDEZ OU ATÉ MESMO FALTA DE ENTENDIMENTO, MUITAS VEZES AS TROCAS INICIAIS SÃO MAIS BEM-SUCEDIDAS SE HOVER ALGUÉM RESPONSÁVEL POR MOBILIZAR O SISTEMA, AJUDANDO A CONECTAR OFERTAS E DEMANDAS. INVISTA TAMBÉM NA COMUNICAÇÃO DO BANCO DE TEMPO: ESPALHE FICHAS DE “EU OFEREÇO” E “EU DESEJO”, CONSTRUA UM PAINEL... ALÉM DISSO, FAZER A CONTABILIZAÇÃO MENSAL DE HORAS EXIGE CONCENTRAÇÃO!



CUIDADOS

O cuidado é prática estruturante da lógica do comum. Ele se expressa na gentileza no trato entre pares, na corresponsabilidade com o espaço compartilhado e na percepção sensível do estado de espírito e ritmo das pessoas.

“NÃO HÁ COMUM SEM COMUNHAR. NÃO HÁ COMUNHÃO SEM CUIDADO”

Por isso, na **Colaboradora - Empreender e Transformar**, desenvolvemos um eixo de cuidados dentro do processo formativo.

Pessoas historicamente sub-representadas, como as jovens, LGBTQIA+, negras, periféricas e indígenas costumam sofrer os efeitos perversos de um sistema que repetidamente as exclui e induz a situações de subalternidade e violência. Isso as leva, muitas vezes, a questionar suas próprias capacidades. Ao optarmos por priorizar esses grupos na composição da turma da Colaboradora, levamos em consideração a importância de trabalhar aspectos psicossociais que costumam dificultar sua atuação plena como líderes e empreendedores.

O tema do equilíbrio emocional foi desenvolvido por meio de dinâmicas e reflexões que abordavam questões como

comunicação não violenta, autoestima, reconhecimento e expressão das emoções, antirracismo e bem-estar. Os colabs ressignificaram suas práticas e comportamentos através da reflexão crítica sobre si mesmos, do apoio mútuo entre pares e do reconhecimento das opressões como fenômenos sistêmicos e não individualizados.

DICA: MUITOS DOS FATORES CAUSADORES DE SOFRIMENTO SÃO FRUTO DE UMA ORDEM SOCIAL ADOECEDORA SOBRE A QUAL NÃO TEMOS TOTAL CONTROLE. NESSAS CONDIÇÕES, TRABALHAR O CUIDADO COMO ASPECTO CENTRAL SIGNIFICA CONSEGUIRMOS AO MENOS FORTALECER AS PESSOAS PARA ENFRENTAR ESSA SITUAÇÃO, PERMITINDO QUE ELAS DESENVOLVAM AUTOCONHECIMENTO E RECURSOS EMOCIONAIS QUE PODEM SER DETERMINANTES PARA SEU SUCESSO.

VULNERABILIDADES

Ao priorizar a participação de populações sub-representadas na composição de um grupo, é preciso levar em conta que as vulnerabilidades às quais elas estão expostas se expressam não só de forma subjetiva, mas também objetiva, como em situações de maus-tratos, violência doméstica, drogadição e racismo.

Por essa razão, ainda que incidir sobre esses conflitos não seja o foco principal do projeto, acreditamos que oferecer apoio é papel de toda organização da sociedade civil.

Além disso, quando alguém que está participando do projeto enfrenta uma situação decorrente de suas vulnerabilidades sociais e pessoais, é natural que a instituição, seus e suas representantes se tornem uma referência para contribuir com a resolução de conflitos.

Assim, é essencial prestar atenção constante a essas questões e manter a escuta sensível, a disponibilidade e a abertura.

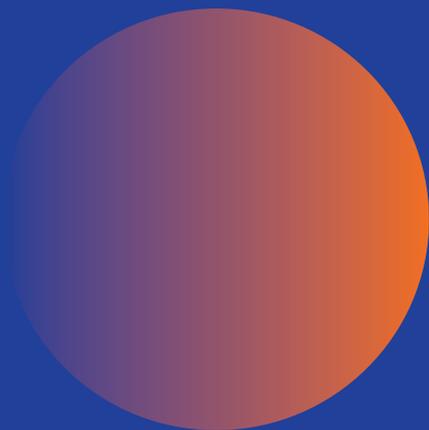
“A Colaboradora foi muito importante pra mim esse ano. Passei por muitas questões pessoais e, se não fosse o projeto, sua equipe e os outros colabs, eu não sei o que seria de mim. Tudo isso me ajudou a ter autoestima e a acreditar mais em mim e no meu trabalho.”

ANDREY HAAG,
produtora Tumulto Rec

DICA: RECOMENDAMOS A CONSTRUÇÃO PRÉVIA DE UMA REDE DE APOIO QUE AUXILIE NOS ENCAMINHAMENTOS DOS CASOS DECORRENTES DE VULNERABILIDADE, MAPEANDO E FAZENDO PARCERIAS COM AGENTES DA REDE DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE SUA REGIÃO. ALÉM DISSO, COLETAR ANTECIPADAMENTE CONTATOS DE EMERGÊNCIA TAMBÉM FACILITA QUANDO UMA PESSOA ESTÁ PASSANDO POR UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL E É PRECISO INFORMAR OU CONSULTAR ALGUÉM EM QUEM ELA CONFIA.

“Busquei construir uma relação de confiança e afeto com os colabs desde o começo, demonstrando que o papel de gestora do projeto não significava uma presença distante e neutra – pelo contrário, eu estava disponível e disposta a também ser afetada por eles. Sempre demonstrei que eu era uma pessoa com a qual eles podiam contar e que torcia pelo seu desenvolvimento. Acredito que isso fez muita diferença na minha capacidade de identificar algumas questões de ordem pessoal que poderiam comprometer o bem estar deles e, claro, sua participação nas atividades, contribuindo para meu papel na mediação de conflitos.”

SIMONE OLIVEIRA,
gestora da Colaboradora -
Empreender e Transformar



PARTE 03

O QUE APRENDEMOS COM A COLABORADORA

por **GEORGIA NICOLAU**



Na foto acima, colabs visitando a Ocupação Cultural Ouvidor 63, em São Paulo. Na foto ao lado, o encontro final de planejamento estratégico com Elis Alquezar, da Move Social



Foram 12 meses de projeto – ou muito mais, se considerarmos as horas envolvidas na articulação de parcerias, construção do percurso, captação de recursos, planejamento, montagem da equipe, prestação de contas, avaliação e mediação de conflitos. Uma das coisas sobre as quais mais refletimos foi nossa relação com o tempo. Na segunda edição da **Colaboradora - Empreender e Transformar**, que acontecerá em 2020, vamos concentrar as formações em menos meses. Um ano é muito: testemunhamos acontecimentos lindos como o nascimento de uma criança, mas também vivemos momentos desafiadores como a desistência de alguns participantes e a mudança do foco e da atuação de alguns empreendimentos.

Outro acontecimento nos chamou a atenção: alguns empreendedores e empreendedoras não puderam mais frequentar as formações porque conseguiram um emprego de 40 horas semanais. Em um país em crise, não é verdade que todo mundo pode se dedicar ao seu sonho. E essa é uma realidade que quem escolhe trabalhar com populações historicamente sub-representadas precisa enfrentar. Não existem oportunidades iguais para todos.

Não existe um mercado pronto para consumir produtos de pequenos e microempreendimentos. Existem poucas políticas públicas e investimentos para empreendedores e empreendedoras dos setores criativos e sociais, e menos ainda para iniciativas lideradas por mulheres e por pessoas negras, LGBTQIA+ e indígenas – por corpos que normalmente não estão associados ao que o mundo se acostumou a chamar de empreendedor.

Por isso, buscar as oportunidades certas, as pessoas certas, a abordagem e a linguagem adequada vem a ser algo essencial para um programa como esse. O repertório voltado para negócios sociais e empreendedorismo criativo reflete, em sua maioria, um lugar social. Lidamos, por exemplo, com termos em inglês, expressões emprestadas do marketing e da administração e metodologias e ferramentas importadas de outros



“Para mim, enquanto uma travesti, a aula de gestão financeira foi muito importante para eu aprender a pensar qual seria o mínimo financeiro para o meu corpo. Minhas necessidades vão além de moradia, alimentação e locomoção: tenho gastos com hormônios e cuidados específicos, por exemplo. A Gabi mostrou que todos esses custos deveriam estar contemplados nas propostas de contratação direcionadas a artistas trans e militantes como eu.”

MARIA SILVINO,
cantora e produtora cultural

países. E, embora muitas ferramentas sejam úteis, nem todas são universais. Às vezes, precisamos traduzir, mediar ou construir novas delas, ou então inventar nossas próprias práticas. Na oficina da No Front Empoderamento, por exemplo, a economista Gabriela Chaves ensinou educação financeira por meio do rap. Recebemos comentários fantásticos, porque ela dialogou com a realidade das pessoas que fizeram parte do processo. Se erramos em algumas escolhas, acertamos em outras, como essa.

De todos os aprendizados, o mais forte é o de que um projeto como a Colaboradora é uma escolha que exige entrega, presença e inteireza. Não há como construir um trabalho que estimula a colaboração, a formação de redes, a autonomia, o pensamento crítico e a ampliação de possibilidades e oportunidades a quem foi historicamente excluído sem acreditar no processo integralmente.

Aliás, a Colaboradora não teria sido possível se nossa gestora de projeto, Simone Oliveira, não fosse, além de ótima profissional, uma pessoa extremamente sensível, generosa e que tem como premissa valorizar a vida de cada um e cada uma. É uma escolha termos na equipe pessoas que não só estão comprometidas com a transformação social, a igualdade de oportunidades e um mundo mais justo, mas que, acima de tudo, acreditam que isso é realmente possível e incorporam essa crença em suas próprias vidas. Acreditar, incorporar, habitar com nossos corpos e mentes: assim esperamos seguir, por vezes remando contra a corrente, mas andando com fé e muito bem-acompanhadas.

AGRADECIMENTOS

A Banca
Arte no Dique
Ateliê Arte nas Cotas
Aurélia Rios
British Council
Casa de Cultura Afro-Brasileira
(Vicente de Carvalho)
Dume
Encontro de Criadores
Escola Estadual Judoca Ricardo
Sampaio Cardoso
Fernanda Menna
Fundação Ford
Fundação Tide Setubal
Galpão Inova ZL
Instituto Ânima
Instituto Jatobás
Lab 4D
Malu Andrade
Ouvidor 63
Projeto ComCom
Red Bull Station
Sebrae
The House
Universidade São Judas
Winy Choe

MENTORES E MENTORAS

Daiane Santos
Dani Gabriel
Dj Bola
Mari Bergel

APOIO

British Council e Fundação Ford

PARCERIA

The House e Instituto Ânima

FICHA TÉCNICA - INSTITUTO PROCOMUM

Direção: Georgia Nicolau, Marília Guarita
e Rodrigo Savazoni

Gestão de projeto: Simone Oliveira

Coordenação pedagógica: Niva Silva (Instituto Ânima)

Assistente de desenvolvimento de projetos:
Hanna Pereira

Mobilização: Mariany Passos e Catharina Apolinário

Administrativo: Fabrício Freitas

Coordenação LAB Procomum: Marina Pereira

PROFESSORES E PROFESSORAS

Adriana Barbosa - Empreendedorismo e Identidade

Dani Gabriel - Economia Criativa; MVP

Daniel Cunha - Inteligência Emocional

Daniela Teixeira - Elaboração de Projetos

Eduardo Vianna Jr. - Organização Pessoal; Canvas
para Modelo de Negócios de Impacto

Elis Alquezar - Como Medir Impacto; Planejamento
Estratégico; Teoria da Mudança

Gabriela Chaves - Gestão Financeira

Georgia Nicolau - O Comum

Jau Santoli - Impacto Social

Kalyne Vieira - Inteligência Emocional

Mariana Valente - Direitos Autorais

Niva Silva - Colaboração e Identidade;
Descoberta do Cliente

Renato Melo - Marketing

Rodrigo Savazoni - O Comum

Valéria Freitas - Captação de Recursos

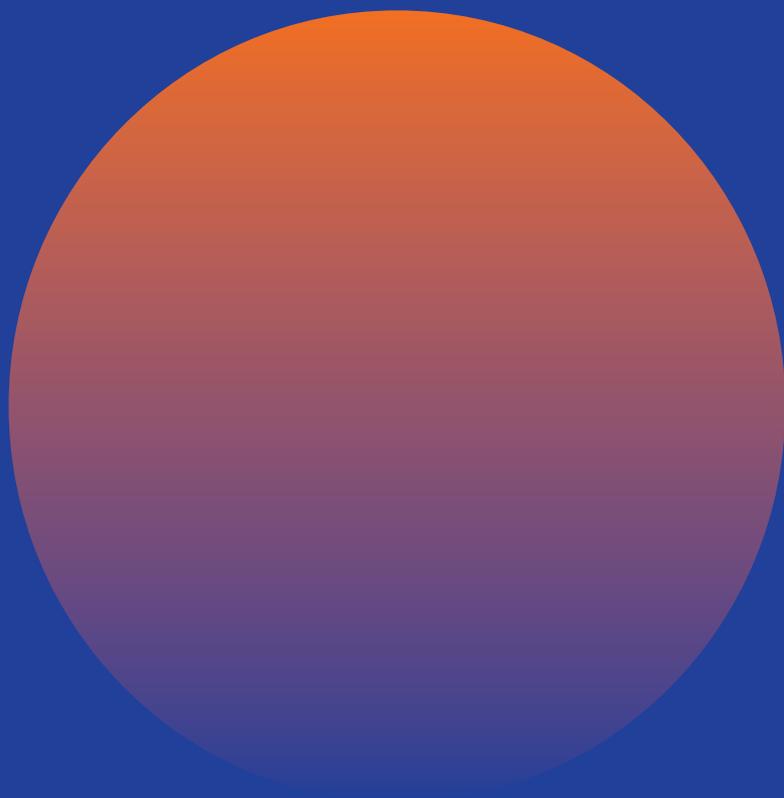
Walquiria Tibúrcio - Teoria da Mudança

PARCEIROS BRITÂNICOS

Advantage Creative - John Holmes

Haarlem Artspace - Catherine Rogers, Bev Shephard,
Liv Punnet

Junction Arts - Paul Steele



EXPEDIENTE

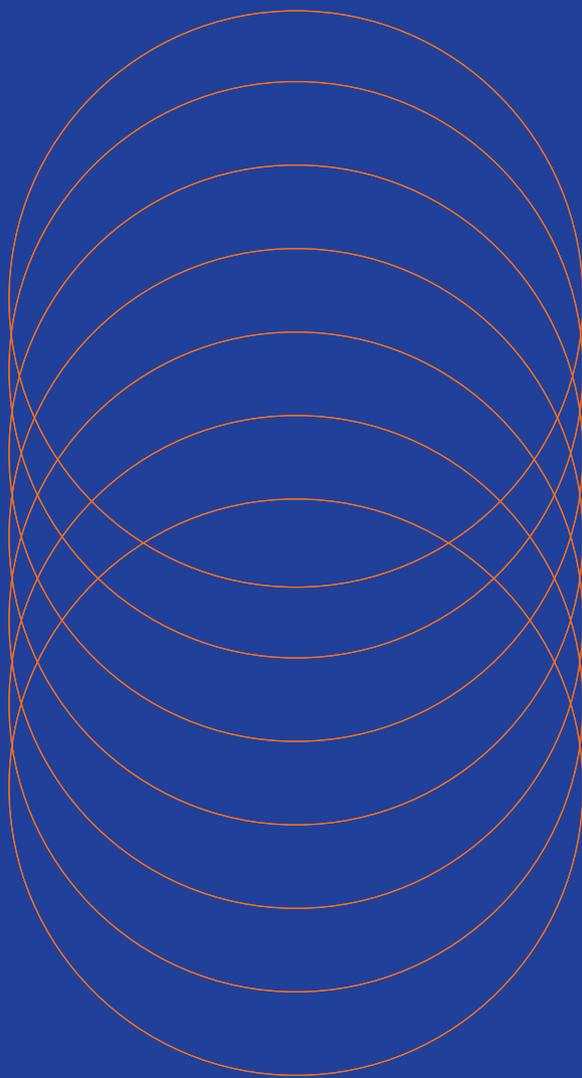
Edição: Rodrigo Savazoni e Georgia Nicolau

Redação: Georgia Nicolau, Niva Silva e Simone Oliveira

Revisão editorial e tradução: Carolina Munis

Design: Estúdio Rebimboca

Imagens: Juliana Freitas, Andrey Haag, participantes da Colaboradora e equipe do Instituto Procomum



REALIZAÇÃO



APOIO



PARCERIA

